ecos
REVISTA CIENTÍFICA DA
FACULDADE CATÓLICA DO MARANHÃO

UMA ECLESIOLOGIA PARALELA:
o preocupante fenômeno do tradicionalismo católico

A PARALLEL ECCLESIOLOGY:
the worrying phenomenon of catholic traditionalism

Talison Magno Dutra Rocha[1]

RESUMO: Ao longo dos tempos, e em cada circunstância sincrônica, a Igreja apresentou uma forma de se expressar e atuar no mundo ao qual está inserida. O Concílio Vaticano II lançou novos olhares, ousou refletir diferente, balançou estruturas e "aggiornou" a Igreja. Todavia, esse processo foi acompanhado de um significativo desgosto, claro que não maior do que a vontade de renovação, mas que fez pulsar uma vontade de resistência; o tradicionalismo. Não provocando separação institucional, o tradicionalismo é uma ameaça mais nociva, pois sua atuação acontece no seio eclesial, ameaçando causar implosões que confrontam a própria comunidade católica, numa divergência preocupante. Uma das características mais perigosas dessa forma de ser Igreja, é a uniformidade. Dela desencadeia-se a não aceitação, e, no extremo, a condenação do que se apresenta como diferente. Não obstante a referência evidente no pensamento da Igreja medieval, é fato que o tradicionalismo, em sua estrutura organizacional, é fruto do movimento eclesial do século XIX. A oposição à modernidade levou a Igreja a assumir uma postura fixada na autoridade, sobretudo, em torno do sumo pontífice. Se antes a Igreja oficial lutava contra o mundo, hoje é obrigada a defender-se dos que se apropriaram daquilo que ela um dia foi, e deixou de ser, por ação do Espírito Santo. Os tradicionalistas, enxergam a Igreja como o lugar que pode livrá-los do mundo. Trata-se de um protesto da parte dos insatisfeitos com a eclesiologia oficial vigente, desembocando num grito esquizofrênico que exige o retorno de uma realidade, cuja maioria dos exigentes não viveram. O tradicionalismo é um sistema bem estruturado, com liberdade legítima dentro da Igreja e impulsionamento demasiado pelas mídias sociais. Visivelmente a Igreja luta contra uma força paralela que vem dentro de si mesma. E isso se tornou mais claro com o Pontificado do Papa Francisco. Trata-se de uma luta entre um Papa preocupado com a humanidade e como esta se coloca no mundo, e um grupo que quer, a qualquer custo, que a Igreja fuja do mundo. Com isso, contraditoriamente, quem grita pela unidade, prega e testemunha uma ação cismática.

Palavras-chave: Eclesiologia; Tradicionalismo; Igreja paralela; Vaticano II; Oposição.

ABSTRACT: Over time, and in each synchronous circumstance, the Church has presented a way of expressing itself and acting in the world in which it is inserted. The Second Vatican Council launched new perspectives, dared to reflect differently,

1 Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica do Maranhão (FACMA); Bacharelando em Teologia na FACMA

shook up structures and "updated" the Church. However, this process was accompanied by a significant displeasure, of course not greater than the desire for renewal, but which made a desire for resistance pulse: traditionalism. Although it does not provoke institutional separation, traditionalism is a more harmful threat, because its action takes place within the ecclesiastical core, threatening to cause implosions that confront the Catholic community itself, in a worrying divergence. One of the most dangerous characteristics of this way of being Church is uniformity. It triggers non-acceptance and, in the extreme, condemnation of anything that presents itself as different. Despite the evident reference in the thought of the medieval Church, it is a fact that traditionalism, in its organizational structure, is the fruit of the ecclesiastical movement of the 19th century. Opposition to modernity has led the Church to adopt a stance fixated on authority, especially around the supreme pontiff. If before the official Church fought against the world, today it is forced to defend itself from those who have appropriated what it once was, and ceased to be, through the action of the Holy Spirit. Traditionalists see the Church as the place that can free them from the world. This is a protest by those dissatisfied with the current official ecclesiology, leading to a schizophrenic cry that demands the return of a reality that most of the demanding ones have not lived. Traditionalism is a well-structured system, with legitimate freedom within the Church and excessively driven by social media. The Church is visibly fighting against a parallel force that comes from within itself. And this has become clearer with the Pontificate of Pope Francis. It is a fight between a Pope concerned with humanity and how it positions itself in the world, and a group that wants, at any cost, for the Church to escape from the world. Thus, contradictorily, those who cry out for unity preach and testify to schismatic action.

Keywords: Ecclesiology; Traditionalism; Parallel Church; Vatican II; Opposition.

1 INTRODUÇÃO

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II, afirma que: "A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG, n. 1). Seguindo os parâmetros da eclesiologia oficial que rege a Igreja Católica Apostólica Romana, espalhada pelo mundo, pode-se afirmar que a estrutura institucional está centrada, em seu Divino Mestre, com o objetivo de agregar, caminhando na mesma direção com a mesma finalidade, de acordo com a conhecida economia salvífica revelada pelo desígnio do Pai, a missão do Filho e a ação santificadora do Espírito Santo.

Em vista de ser cada vez mais fiel a tal projeto, a divina inspiração chegou a uma grande pergunta no Concílio já citado, pela boca do, hoje reconhecido santo, Paulo VI: "Igreja, que dizes de ti mesma?". Pode-se ler esse questionamento à luz do desvelamento eclesial no caminho do catolicismo na história, percebendo que a Igreja é objetivamente inserida numa realidade dinâmica, com diversas implicações, o que a torna incumbida de olhar-se integralmente, suas ações e respectivas consequências. Ao longo dos tempos, e em cada circunstância sincrônica[1], apresentou uma forma de se expressar e atuar no mundo ao qual está inserida.

Nos primeiros séculos, a viva e quente Tradição Apostólica levava a uma transmissão assídua e a uma reunião de pequenas comunidades[2]. Na era Patrística, se vivia a *Communio Ecclesiarum*, numa diversidade que professava a mesma fé e partilhava o mesmo brilho do Evangelho, nos sacramentos e na partilha, mas também na luta contra as heresias que rodeavam a reta profissão católica. Com a virada gregoriana, iniciou-se a centralização em Roma, e a Igreja passou a fortalecer-se como instituição unificada, libertando-se do Estado e ritualizando-se de maneira mais singular. Passando por Trento, chegando ao Concílio Vaticano I, a eclesiologia católica se mantém fortalecida e detentora de si e da verdade.

Todo esse percurso e formas eclesiológicas eram reconhecidas pela oficialidade católica. Essa é a distinção evidente que existe, perante uma nova realidade que aparece fortalecida, sobretudo, numa reação à eclesiologia oficial atual: o *tradicionalismo católico*.

2 A EVIDÊNCIA DO TRADICIONALISMO CATÓLICO COMO FENÔMENO PREOCUPANTE

Chegando ao século XX, por uma santa ação do Espírito, João XXIII convoca

1 Aspecto sincrônico diz respeito à atividade desenvolvida em espaço e tempo pontuais. Diferente do aspecto diacrônico, que trata do desvelamento da de uma ação ao longo da história.

2 Intensa experiência testemunhada nos Atos dos Apóstolos.

o Concílio Vaticano II, mostrando uma especificidade evidente "...pelo teor do evento, que o papa queria de um 'cunho pastoral', não doutrinário, no sentido de voltado para as novas exigências da presença e da missão evangelizadora da Igreja..." (Brighenti, 2016, p. 10). A catolicidade da Igreja ganhava novos rumos, e oficialmente o Vaticano II era continuidade em descontinuidades eclesiológicas.

Segundo Agenor Brighenti:

> Por um lado, a renovação conciliar é continuidade, pois o Vaticano II, por mais inovador que seja, não rompeu com a tradição da Igreja e, consequentemente, é 'continuidade' de muito do que foi recebido, de geração em geração, através dos séculos. Por outro lado, se tudo é continuidade, então não haveria novidade na mudança, quando, na realidade, o Vaticano II fez uma profunda reforma da Igreja em todos os campos, ad intra e ad extra, seja no teologia, seja no âmbito das práticas pastorais, assim como das estruturas eclesiais (Brighenti, 2016, p. 11-12).

Nesse sentido, é a própria Igreja que evidencia a necessidade de renovação implicada a si mesma, dentro da mesma fidelidade ao Espírito que a torna real desde o início. O Concílio Vaticano II lançou novos olhares, ousou refletir diferente, balançou estruturas e "aggiornou"[3] a Igreja. Todavia, esse processo foi acompanhado de um significativo desgosto, claro que não maior do que a vontade de renovação, mas que fez pulsar uma vontade de resistência, um coro que alarmava "A Igreja deve ficar como estava antes do Vaticano II". Trata-se de uma voz de seguridade, agarrada a estruturas confortáveis e comprometidas com o interior "perfeito" da santa e intocável instituição. Brotava ali, a grande ameaça da Igreja; um paralelo ao Vaticano II; o tradicionalismo[4].

O tradicionalismo é, ainda sob o olhar de Brighenti, uma espécie de "refúgio" que evidencia dificuldades estruturais de desligamento de doutrinas obsoletas que acusam a modernidade, e focam unicamente no essencialismo-metafísico (Brighenti, 2016). Isso, claramente, depõe contra a aceitação à eclesiologia do Vaticano II, que é o *modus operandi* oficial da Igreja Católica, nesses novos tempos. Contudo, não provocando separação institucional, o tradicionalismo é uma ameaça mais nociva, pois sua atuação acontece no seio eclesial, ameaçando causar implosões que confrontam a própria comunidade católica, numa divergência preocupante.

A grande questão em torno da eclesiologia, ou, eclesiologias tradicionalistas, está na não aceitação do dinâmico, do transformador, de uma ação sempre nova na vida da Igreja, fundamentada no testemunho das Escrituras: "eis que faço nova todas as coisas" (Ap 21,5). Trata-se de uma mentalidade estática, cujo fundamento mora na bem definida formação estrutural de uma cristandade dominadora, que determinou por muito tempo a ordem do mundo, colocando-o dentro de si. Segundo Décio Passos, esse modo

3 Aggiornamento foi a palavra-chave do Concílio Vaticano II. O Papa João XXIII, ao convocar e iniciar o evento, evidenciava a vontade de fazer na Igreja uma renovação, necessária e salutar.

4 "Os tradicionalistas são hoje (pós Vaticano II) mais visíveis dentro da Igreja Católica do que até algum tempo atrás, embora já existam de modo definido e ativo, como grupo e como tendência bem demarcados, ao menos desde o século XIX" (Passos, 2020, p. 7).

eclesiológico está referenciado na era da poderosa Igreja medieval:

> Há quem possa replicar que o tradicionalismo é, na verdade, medieval em sua mentalidade e em suas causas, pelos modelos e ideias que defendem. O fato é que em um tipo de sociedade, no caso a cristandade medieval, em que uma cosmovisão se faz hegemônica, não há lugar para distingui-la de outra que lhe seja distinta ou oposta; existe tão somente uma percepção e uma estruturação dominante, entendida não somente como unitária e única, mas também como atual e atuante (Passos, 2020, p. 7).

Uma das características mais perigosas dessa forma de ser Igreja é a uniformidade. Dela desencadeia-se a não aceitação, e, no extremo, a condenação do que se apresenta como diferente. Nesse sentido, não importa se uma mudança dá evidências explícitas de bom resultado e fidelidade ao projeto essencial da Igreja; se não segue a estruturação definida da cristandade, é contra a Instituição. Assim, o tempo e a história não podem ser considerados, sendo impedidos de implicar ações no seio eclesial. Ao contrário, a Igreja medieval, como bem definida, é aplicável, de forma estática, em qualquer ambiente e tempo.

Não obstante a referência evidente no pensamento da Igreja medieval, é fato que o tradicionalismo, em sua estrutura organizacional, é fruto do movimento eclesial do século XIX. Nesse período, a Igreja obrigou-se a lutar contra os princípios da modernidade. Após ser questionada pelo movimento iluminista, ter sua autoridade colocada em xeque pelas revoluções, adota a postura de entrar na contramão da história, defendendo a estaticidade estrutural, fundamentada numa visão ultramontanista[5], cuja essência estava no poder inquestionável do Papa.

Contudo, é importante ressaltar que esse modo eclesiológico era a posição oficial da Igreja católica, a forma encontrada para também defender-se dos duros ataques intelectuais que beiravam suas estruturas. A encíclica *Quanta Cura*[6] e seu apêndice *Syllabus*, de Pio IX, bem como o advento do Concílio Vaticano I, fundamentaram uma estrutura rígida, bem como a seguridade conceitual que a Igreja tinha de si mesma. Segundo Giacomo Martina, Pio IX, se esforçava para "[...] promover uma restauração geral da sociedade cristã, pondo em evidência, contra o laicismo que se alastrava, a corrupção causada pelo pecado original e a necessidade de uma ajuda sobrenatural [...]" (Martina, 2005, p. 256).

A oposição à modernidade levou a Igreja a assumir uma postura fixada na autoridade, sobretudo, em torno do sumo pontífice. A dinâmica ultramontana, objetivava-se em segurar de forma dogmática e a-histórica, o arcabouço doutrinal, nos moldes herdados desde o início da cristandade, tendo no sucessor de Pedro o ponto chave para a resistência eclesial. Preceito que desencadeou no reconhecimento do dogma da infali-

5 O Ultramontanismo foi um movimento católico dedicado a defender a soberania da Igreja como detentora e formadora da verdade, baseada na supremacia institucional através da autoridade do Papa. O Concílio Vaticano primeiro foi desenvolvido em moldes ultramontanos.

6 Encíclica e apêndice dedicados a apontar os principais erros da modernidade, numa atitude condenatória.

bilidade Papal. Isso fez a Igreja afirmar-se como a única detentora da verdade. Tinha-se uma Igreja concluída.

Segundo Décio Passos (2020, p. 65), "essas referências oficiais alimentaram com força de autoridade as expressões atuais do tradicionalismo e permitem a esses compor visões de mundo e de Igreja, normas de vida, práticas litúrgicas e, até mesmo certas identidades estéticas". A ação tradicionalista católica reflete com clareza uma postura de afronta resistente, como se percebia na Igreja do século XIX. Porém, é perceptível que os papéis se inverteram e alguns atores mudaram, ocorrendo uma luta nova nos moldes antigos, de maneira, no mínimo, equivocada.

Se antes a Igreja oficial lutava contra o mundo, hoje é obrigada a defender-se dos que se apropriaram daquilo que ela um dia foi, e deixou de ser, por ação do Espírito Santo. O tradicionalismo persiste numa luta, teoricamente, findada no Vaticano II, reposicionando as armas maléficas do passado em direção à própria instituição. Na realidade de uma Igreja aberta para todos, disposta a dialogar com o mundo e as novas circunstâncias, o perigoso não é mais o externo, mas a relutância de quem está dentro.

Essa concepção, que desaprova a eclesiologia do Vaticano II, atrela-se a fiel e confortável imagem da Igreja como uma universalidade metafísica totalmente indiferente às ações circunstanciais de tempo e espaço; era reflexo de uma espécie de deus aristotélico, que existe, mas não se importa com o que ocorre na imanência da vida. Nessa situação, o tradicionalismo assume a voz da intolerância a qualquer manifestação que visa integrar a ação eclesial na realidade vivida. O real não importa, se não para ser retirado da vida dos "crentes", em vista de sua purificação para chegar aos céus, por meio de devoções mágicas, que "[...] são formas de libertação da alma pecadora e de obtenção da graça ou do milagre, libertação do pecado, das tentações e do demônio que ronda" (Passos, 2020, p. 77).

Os tradicionalistas[7] enxergam a Igreja como o lugar que pode livrá-los do mundo. Por trás dessa postura conceitual, esconde-se um preocupante pessimismo antropológico. O homem, sendo pecador, não possui valor algum e não pode fazer nada para mudar a realidade; é Deus que atua, sozinho, na vida. Atrelado a isso, cunha-se um forte enrijecimento moral que dispõe "[..] de uma objetividade expressa como regra única e universal a ser seguida por todos os fiéis, sem possibilidades de ponderações. O tom predominantemente individual [...] dispensa qualquer conteúdo social" (Passos, 2020. p. 760).

Mesmo que de forma não oficial, esse movimento, que levanta a bandeira contra a eclesiologia conciliar, torna-se um projeto eclesial, em cujos fundamentos se apegam muitos membros da Igreja, por vislumbrarem, sobretudo, uma encantadora manifestação estética e extraordinária do divino. Nesse projeto paralelo, encontram-se,

7 A terminologia "tradicionalista" não é assumida por quem defende os ideais já citados. Trata-se de uma nomenclatura externa.

segundo Décio Passos, os tradicionalismos: de resistência, que no seu extremo, leva a saída da comunhão eclesial; de legitimidade, que nasce e se prolifera legalmente dentro da Igreja; e de forma emergente, que avança pelas redes sociais (Passos, 2020).

No mundo contemporâneo, onde decretou-se filosófica e sociologicamente a falência das instituições, a mentalidade que favorece retornar a um passado falaciosamente alinhado e produtivo ganha prestígio. Trata-se de um pensamento que assume caráter de revolta, assumindo uma luta contra as atuais estruturas. É nesse sentido que Massimo Faggioli afirma acerca do tradicionalismo:

> Há a insurgência católica anti-institutionalista, começando com a convicção de que a maior parte do establishment **(estabelecimento)** e da liderança católica atual demonstraram uma fraqueza fundamental e uma inabilidade de responder aos desafios colocados diante da Igreja a secularização, as guerras culturais, o Islã, os escândalos de abuso sexual, e assim por diante. É uma cultura católica tradicionalista que já não é mais realmente conservadora. Pelo contrário, é uma insurgência. A fim de manter o catolicismo como antes, o establishment eclesiástico atual deve ser completamente destruído (Faggioli, 2018).

A leitura teórica que se realiza, evidencia uma espécie de rebelião dentro da Igreja. Trata-se de um protesto da parte dos insatisfeitos com a eclesiologia oficial vigente, desembocando num grito esquizofrênico que exige o retorno de uma realidade, cuja maioria dos exigentes não viveu. A tentativa de retornar às antigas estruturas eclesiais, apresenta-se como grande projeto de avanço para os tradicionalistas. É um conservadorismo latente que impregna nas mentes e vontades mais pujantes de muitos saudosistas, os quais dispensam de forma veemente a maneira conciliar de escutar o Espírito e deixá-lo agir na história.

"Saudade do que não se viveu". É como se pode conceituar a mentalidade de grande parte dos defensores de uma Igreja pré-Concílio Vaticano II. Historicamente, o modelo pré-conciliar não se sustentaria com a manifestação, mesmo que alarmante, dos que, de forma inicial, se colocaram contra ele. A luta demandou e ganhou voz jovem. Embutiu-se na mentalidade da juventude católica, um saudosismo anacrônico; um grito claro por uma realidade que não se teve contato direto, ou seja, sem nenhuma implicação contextual. Assim caracterizam-se os novos recrutas do tradicionalismo, dentre os quais parte significativa, no entender de Faggioli (2018), "[...] atualmente estão no seminário [...]", na expectativa de substituir o clero conciliar.

Os novos soldados do tradicionalismo já não utilizam os métodos antiquados que as figuras que os inspiram, utilizavam. É por isso que Faggioli (2018) considera que "é uma cultura católica tradicionalista que já não é mais realmente conservadora". E um sinal marcante dessa afirmativa objetiva é a própria assimilação de algumas "permissões" do Concílio Vaticano II, que são utilizadas como forma dinâmica contra a própria eclesiologia conciliar. Fala-se por exemplo da abertura dos espaços eclesiais aos leigos[8] e

8 A Igreja só voltou a conceder espaço para os leigos falarem, participarem ativamente das celebrações, estudarem de forma mais profunda a fé, a partir do Concílio Vaticano II.

do diálogo através dos meios de comunicação.

Atualmente, o sistema de recrutamento cresce significativamente. O tradicionalismo é um sistema bem estruturado, com liberdade legítima dentro da Igreja e impulsionamento demasiado pelas mídias sociais. Segundo Décio Passos (2020, p. 16), "os tradicionalistas ganham espaço e fôlego nas redes sociais e nas frentes políticas de ultradireita que exibem seus projetos conservadores pelo ocidente a fora". A estrutura vai de orações e adorações online, até Paróquias virtuais, acarretando milhares de pessoas, que, muitas vezes, se desvinculam de suas comunidades em prol de um projeto emocional e esteticamente mais encantador, que leva as pessoas para fora do seu mundo.

Certamente há um fato problemático nessa realidade. Visivelmente a Igreja luta contra uma força paralela que vem dentro de si mesma. E isso se tornou mais claro com o Pontificado do Papa Francisco. Fiel seguidor do Concílio Vaticano II, o Bispo de Roma tem enfrentado dificuldades em efetivar o projeto conciliar, em meio a uma significativa oposição ao seu modo de orientar a Igreja. Trata-se de uma luta entre um Papa preocupado com a humanidade e como esta se coloca no mundo, contra um grupo que quer a qualquer custo que a Igreja fuja do mundo.

"O Papa Francisco encarna oficialmente as renovações mais temidas pela perspectiva dos tradicionalistas[...]" (Passos, 2020, p.14). Essa oposição se torna mais efetiva pelo avanço das implementações conciliares promovidas por Francisco, no seio da Igreja, e pela posição firme do Papa em apontar os males que habitam o seio eclesial, dentre eles o tradicionalismo, e o que dele nasce. Essas proposições que ameaçam a legitimidade tradicionalista são levadas ao extremo quando muitos grupos afirmam a ilegitimidade do Papa argentino, atribuindo-lhe o adjetivo de herege, dentre outros. Com isso, contraditoriamente, quem grita pela unidade, prega e testemunha uma ação cismática.

3 CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, é fato que há uma problemática que pode aterrorizar a Igreja de Cristo. Chega-se a um ponto em que a oficialidade eclesial é questionável, em detrimento de um pensamento legitimamente superado, mas que representa uma ideologia puramente associada a um modo de ser, que supera a circunscrição institucional católica; é um projeto de vida de cunho holístico, a qual toca fé, sociedade, cultura e política. O tradicionalismo é um projeto armado contra a Igreja do Vaticano II e o mundo. Dessa maneira, é preciso tentar entender que o pano de fundo no qual se envolve essa tendência rebelde é tecido de um idealismo extremo, que busca fazer do círculo eclesial o mundo "perfeito" livre das adversidades do real.

A atitude de recusar o diálogo aberto com o mundo, automaticamente, coloca em xeque a própria ação de Deus, sobretudo na encarnação. Jesus, vindo ao mundo

para apresentar o rosto do Pai (Jo 1,18), afirma que veio dar pleno cumprimento à lei (a tradição desde Moisés), não limitando-se à letra, mas ao seu objetivo; a vida. Ele toca a humanidade e sua comunidade é cheia do seu Espírito para fazer o mesmo. Se a base da Igreja é o Evangelho, a ação do Reino; como realizá-lo num projeto seletivo e excludente? O Vaticano II refontizou a Igreja, nas bases bíblicas e Patrísticas, e incrivelmente é contra isso que o tradicionalismo luta. A questão é: isso não seria lutar contra a própria ação de Jesus e de sua comunidade?

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016.

FAGGIOLI, Massimo. Do status quo à insurgência: catolicismo tradicionalista versus catolicismo conciliar. **IHU**. 2018. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575521-do-status-quo-a-insurgencia-catolicismo-tradicionalista-versus-catolicismo-conciliar. Acesso em: 17 set. 2024.

PASSOS, João Décio. **A força do passado na fraqueza do presente:** o tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.

VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. Trad. Francisco Catão. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Recebido em: 29/11/2024
Aprovado em: 12/12/2024